



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

## **Meio ambiente e Desenvolvimento no discurso do jornalismo de economia: a questão energética no jornal *Valor Econômico*<sup>1</sup>**

Veridiana Dalla Vecchia<sup>2</sup>

**Resumo:** Esse artigo faz uma reflexão sobre o papel do jornalismo de economia na questão ambiental, visto que o atual modelo de crescimento econômico é o grande responsável pela degradação do meio ambiente. Para isso, utilizo como objeto de estudo o jornal Valor Econômico, tomando como base para a análise matérias sobre a questão energética. Procuro entender os valores e os sentidos presentes nos discursos do Valor usando como método a Análise de Discurso de linha francesa. Além disso, busquei traçar um breve panorama teórico dos conceitos de crescimento econômico e desenvolvimento, e fazer um resgate histórico sobre como formou-se o atual paradigma econômico.

**Palavras-Chave:** Jornalismo; Meio Ambiente; Desenvolvimento; Crescimento; Economia.

### **1. Introdução**

Essa pesquisa surgiu do interesse pela questão ambiental e da preocupação sobre o uso que o jornalismo vem fazendo desse assunto. Nesse processo, me detive ao jornalismo de economia, por tratar-se de um campo estreitamente ligado às questões ambientais, já que, como indica extensa bibliografia a respeito, o modelo atual e global de crescimento econômico é o grande responsável pela degradação ambiental.

O pensamento econômico atual ainda reflete em grande parte as teorias

---

<sup>1</sup> Resultado parcial de pesquisa para dissertação.

<sup>2</sup> Jornalista, mestranda em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e-mail: [veridv@gmail.com](mailto:veridv@gmail.com).



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

neoclássicas da ciência econômica. Se a ciência econômica, e principalmente a prática econômica resultante do mercado e das políticas públicas, ainda estão relacionadas ao pensamento fragmentado e reducionista (MORIN, 2003), então o jornalismo feito dessa matéria também segue o mesmo caminho?

Apesar da intrínseca relação entre crescimento econômico e aquecimento global, existem poucas pesquisas que analisam qual é a abordagem do jornalismo econômico frente a essa relação. Há inúmeras teses e dissertações sobre jornalismo ambiental e a cobertura relacionada ao meio ambiente. Muitas trazem grande contribuição sobre a importância de se tratar a questão ambiental a partir de uma visão mais ampla, relacionando aspectos econômicos, sociais e políticos. Conforme Girardi e Loose (2009), o jornalismo ambiental possui um olhar abrangente e complexificado das pautas, relacionando-o com o cotidiano e trazendo explicações que conectam o ambiente com a economia, a política, a cultura e a qualidade de vida no planeta. Porém, nas outras áreas do jornalismo nota-se uma imensa dificuldade em se tratar o todo.

A fragmentação das disciplinas tem sido alvo de constantes críticas de muitos cientistas que entendem que a separação tornou a ciência reducionista, dividida em conceitos muito rígidos de fronteiras disciplinares. Porém, enquanto em muitos campos do conhecimento essas críticas vêm sendo pensadas e trabalhadas, grande parte do jornalismo feito hoje continua seguindo o viés da separação e da especialização. O pensamento ecológico pressupõe que fazemos parte de um todo completamente interligado e dependente (CAPRA, 2002), porém, a economia está ainda bastante relacionada a uma postura de racionalidade instrumental e utilitarista (ASSIS, 2006). A partir dessas considerações, surgem dúvidas como: o que o jornalismo de economia entende por desenvolvimento? O discurso jornalístico de economia dá visibilidade às contradições entre essas visões de mundo? Existe contradição entre o que é apresentado



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

ao público sobre meio ambiente, de um lado, e crescimento, de outro? Nessa investigação, proponho mapear, por meio da Análise de Discurso, quais os valores e ideologias presentes no Jornal Valor Econômico, no que se refere ao desenvolvimento econômico e ao meio ambiente.

## 2 Objeto

Esse artigo foi desenvolvido tendo como objeto o jornal Valor Econômico, cuja primeira edição foi publicada em 5 de maio de 2000. A publicação é fruto de uma parceria entre as Organizações Globo e a Folha de S.Paulo, dois dos maiores grupos de comunicação do país. Segundo o próprio Valor, trata-se do maior jornal de economia, finanças e negócios do Brasil e completou 13 anos no mercado.

O jornal foi criado para atender às necessidades de informações econômicas de um público composto por empresários e executivos (CORDENONSSI, 2010), portanto, “é direcionado às classes AB, que ocupam cargos estratégicos tanto em corporações quando em empresas públicas e buscam informações mais específicas do que as oferecidas pelos jornais de interesse geral” (pág. 86). Quanto à definição da linha editorial do Valor, a Cordenonssi (2010) destaca que, a partir das entrevistas feitas com os principais envolvidos na criação do jornal, os sócios buscavam uma publicação compatível com os valores de seus futuros leitores. Conforme relato de um deles, Otavio Frias Filho, à autora, “deveria ser um jornal liberal em economia, liberal em política, como não poderia deixar de ser um jornal deste tipo”. Durante a festa de lançamento do Valor, o presidente do Grupo Folha, Luis Frias, reafirmou a ideia da publicação: “O novo jornal deverá pautar-se por uma atitude de independência em face do governo e grupos políticos ou econômicos, procurando orientar-se de acordo com o melhor interesse público. Será pluralista, aberto às diversas correntes de pensamento econômico e social e



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

será apartidário” (PARK apud CORDENONSSI, 2010, pág 86).

O Valor começou a ser gestado num contexto político em que chegava ao Brasil o neoliberalismo, durante o governo Fernando Henrique Cardoso. No entanto, conforme Carlos Eduardo Lins da Silva<sup>3</sup>, ex-diretor adjunto e um dos criadores do Valor, não houve influência direta dos valores neoliberais sobre o jornalismo do Valor (CORDENONSSI, 2010).

No contexto histórico em que está inserido e, a partir da própria autodefinição do Valor, torna-se fundamental fazer aqui uma breve descrição do que é o liberalismo e a partir disso tentar entender o que significa isso para a pesquisa, não procurando achar respostas e resultados que certamente não serão encontrados justamente pela postura política assumida pela publicação. A principal característica do liberalismo é a defesa da não intervenção estatal na economia. Como todas as correntes político-econômico-filosófica, no entanto, a não intervenção pode ser defendida de forma mais radical ou mais branda. Adam Smith, considerado o grande teórico do pensamento liberal, acreditava que a livre competição faria os recursos serem deslocados para as atividades em que eram realmente necessárias. Porém, ele não defendia um *laissez-faire* total, pois entendia que o governo era importante em setores como a justiça, a defesa nacional, obras públicas de infraestrutura e educação primária (BACKHOUSE, 2007, pág 157). Para esse trabalho, como não tenho a pretensão de aprofundar a definição de liberalismo, mas apenas apontar algumas características para melhor situar o contexto de criação e a visão de mundo do Valor Econômico, nos basta saber que o liberalismo defende a liberdade econômica como forma de desenvolvimento individual e social.

### 3 Quadro teórico

---

3 Entrevista dada a Cordenonssi em 1 de outubro de 2009 e constante nos anexos da tese da autora.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

### 3.1 A Ciência Econômica e seu paradigma atual

Historicamente, a Ciência Econômica não considerou o meio ambiente como área de seu alcance. A partir da década de 1970, no entanto, estudos apontaram a necessidade de se repensar a Economia<sup>4</sup> e considerar o meio ambiente como parte fundamental e inseparável de seu contexto. Porém, mesmo passados mais de 40 anos dessas conclusões, a Ciência Econômica ainda permanece em grande parte ligada ao paradigma mecanicista<sup>5</sup>, entendendo o meio ambiente e os resultados dos processos econômicos como “externalidades”, ou seja, resultados externos a ela, que não a dizem respeito.

Como aponta Cechin (2008), ainda hoje, grande parte do estudo da economia nas universidades é feito por meio dos manuais que “são omissos em relação à fronteira do conhecimento, ou seja, ao que há de mais avançado sendo produzido na disciplina”. Mesmo que atualmente muitas correntes da Economia já estejam revendo suas teorias, os manuais que formam os futuros economistas sugerem que ela é um campo do conhecimento fechado, como a Física Mecânica, e enxergam o sistema econômico como separado do ambiente.

Talvez o melhor exemplo dessa visão seja o diagrama do fluxo circular, que ilustra a relação entre produção e consumo, e mostra como circulam produtos, insumos e dinheiro entre empresas e famílias. O diagrama apresenta um sistema fechado, pois nada entra ou sai, e nele circulam dinheiro, bens e serviços por meio de empresas e famílias. A partir desse sistema, conforme Cechin, se perpetua o atual paradigma econômico.

---

4 Neste trabalho, utilizarei a palavra Economia, com inicial maiúscula, quando se referir à Ciência Econômica, e economia, em minúsculo, quando for referente ao sistema econômico.

5 O paradigma mecanicista caracteriza-se pela compreensão que o todo é igual à soma das partes. Essa forma de pensamento surgiu entre o século XV e XVI, com o desenvolvimento da Física Mecânica, e Descartes foi um dos grandes pensadores que contribuíram para essa forma de fazer ciência.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

Trata-se de um núcleo doutrinário que a maioria dos cientistas está disposta a aceitar. O treinamento daqueles que se iniciam na atividade científica envolve concomitantemente uma introdução à linguagem e retórica necessárias na profissão (2008, pag 21).

A analogia do processo econômico como um sistema mecânico reversível não só perdurou, como ainda constitui a abordagem dominante da Economia. Assim, estamos presos a um pensamento histórico e ideologicamente construído como se fosse uma verdade indiscutível, física e, portanto, natural, sem possibilidade de mudança. Uma verdade que a própria Física mecânica discute, mas que não tem encontrado espaços relevantes na Ciência Econômica.

Leff entende que a Ciência Econômica não é uma ciência como todas as outras, que elaboram seu conhecimento a partir de hipóteses teóricas que são verificadas ou refutadas com dados da realidade, mas que constitui-se como um paradigma ideológico-teórico-político – como uma estratégia de poder – que:

(...) desde seus pressupostos ideológicos e seus princípios mecanicistas – a mão invisível e o espírito empresarial; a criação da riqueza e do bem comum a partir do egoísmo individual e da iniciativa privada; o equilíbrio da oferta e da procura, dos preços e valores de mercado, dos fatores da produção –, gerou um mundo que hoje transborda suas externalidades: entropização dos processos produtivos, alteração dos equilíbrios ecológicos do planeta, destruição de ecossistemas, esgotamento de recursos naturais, degradação ambiental, aquecimento global, desigualdade social, pobreza extrema” (LEFF, 2010, pág 21).

### **3.2 Desenvolvimento e Crescimento: desvelando conceitos**

Para realizar essa análise, é imprescindível delimitar os conceitos de desenvolvimento e crescimento econômico. Em diversas fontes de discurso (imprensa, governos e sociedade civil) é comum essas expressões aparecerem como sinônimos,



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

especialmente numa racionalidade predominantemente econômica na qual a ideia de desenvolvimento se apresenta atrelada ao aumento da produção e do consumo. Nesse caso, o bem-estar é medido objetivamente pelo aumento do volume do consumo, da produção e da geração de empregos.

Não é difícil compreender os motivos da confusão na utilização dos termos. Historicamente, pelo menos até os anos 60, as nações industrializadas eram as que mais cresciam e cuja população tinha o melhor nível de vida, portanto, ficava fácil confundir crescimento com desenvolvimento. Além disso, os efeitos sobre a natureza não eram tão evidentes. Giddens (2010) defende que provavelmente o crescimento econômico contínuo traga benefícios, mas, ao mesmo tempo, os problemas tendem a se acumular. Para o sociólogo, ao contrário de outros pensadores sobre os quais falaremos mais adiante, isso não significa que o crescimento tenha que parar, “mas que não deva ser buscado independentemente de suas consequências mais amplas”. Para esclarecer esse fenômeno, ao qual chama de superdesenvolvimento<sup>6</sup>, o autor compara o Produto Interno Bruto (PIB), normalmente utilizado para medir o crescimento econômico de um determinado país, ao Indicador de Progresso Genuíno (IPG), lançado em 1995 por John Talberth e Clifford Cobb. Neste índice, além de medidas de consumo semelhantes as do PIB, também são avaliadas a distribuição de renda, o valor do trabalho doméstico e do trabalho voluntário, a criminalidade e a poluição. Conforme Talberth e Cobb (GIDDENS, 2010), o IPG começou a cair por volta de 1975 nas sociedades desenvolvidas, enquanto o PIB continuou a crescer. Giddens também aponta outros índices que mostram resultados semelhantes.

No entanto, com tantas evidências em contrário, o pensamento dominante não

---

6 Neste caso, visto a diferenciação de termos que proponho neste trabalho, poderia ter sido usado a expressão super-crescimento. Manterei a palavra superdesenvolvimento quando estiver relacionada ao pensamento de Giddens.





29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

diferencia esses dois aspectos. Conforme Veiga (2010), com a publicação do primeiro Relatório de Desenvolvimento Humano, que apresentava o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), ficou claro que o crescimento não correspondia exatamente a desenvolvimento. Porém, a reação ao documento e ao IDH entre os economistas e as faculdades de Economia foi de ou reconhecê-lo mas não incorporá-lo ou simplesmente ignorá-lo.

A noção de desenvolvimento é mais complexa que a de crescimento e apresenta variações dependendo da reflexão de cada autor, mesmo que invariavelmente passe pelo aumento do bem-estar e da qualidade de vida de uma determinada população. Sob uma ótica neoclássica, o desenvolvimento pressupõe potencializar a industrialização e acumulação de capital produtivo. Pode ser medido, por exemplo, a partir de indicadores do nível de renda per capita, da poupança por habitante, taxa de desemprego, distribuição de renda, existência de infra-estrutura básica. Todos esses indicadores representam condições para o atendimento a algumas necessidades que definem o bem-estar, mas dizem respeito a apenas uma parte das necessidades, medem apenas o lado material das necessidades (ASSIS, 2008).

Já numa racionalidade que busca que o desenvolvimento seja sustentável, evidencia-se um maior cuidado com alguns limites do meio biofísico. Entende-se desenvolvimento incluindo o atendimento de necessidades não apenas materiais, mas de uma melhor qualidade de vida relacionada a um meio ambiente saudável e também da realização das capacidades humanas que dizem respeito à autonomia, criatividade, autorreflexão e liberdade. Para Furtado (1984 apud ASSIS, 2008), as sociedades são consideradas desenvolvidas na medida em que nelas o homem consegue satisfazer suas necessidades, manifestar suas aspirações e exercer seu gênio criador.

Já Sen (2010) considera que o objetivo supremo do desenvolvimento está na





29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

liberdade individual, e que consiste na eliminação de privações de liberdades que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer sua ação de agente. Para ele, a industrialização e a tecnologia pode contribuir para a expansão da liberdade, mas ela também depende de outras variáveis: como a liberdade política, que permite à população participar da vida civil e política; facilidades econômicas, eliminando restrições que impedem as pessoas de saírem da pobreza ou satisfazer suas necessidades básicas, como obter alimentos e remédios; e oportunidades sociais, garantindo o acesso a serviços públicos e assistência social.

As argumentações de Sen e Furtado, entre outros autores, apontam que os fatores econômicos são apenas parte do processo de desenvolvimento. A produção, o consumo e o lucro são alguns dos meios pelos quais o desenvolvimento e o bem-estar podem se realizar. Assis defende, porém, que, num sistema de mercado, não é possível pensar em atendimento de necessidades humanas sem levar em consideração os elementos de produção e consumo que constituem o comércio.

É nesse sentido que não há nada de errado com afirmações de ordem econômica que enfatizam a importância do trabalho e dos salários para que uma parte do bem-estar se realize via consumo, pois não parece plausível procurar transportar uma sociedade que se desenvolveu nos moldes das relações comerciais para um estilo de vida totalmente distante dessas relações, tal como algumas comunidades exóticas que vivem completamente afastadas do sistema de mercado. Entretanto, a atitude de restringir a concepção de bem-estar apenas a aspectos de ordem econômica e material pode ser interpretada como uma atitude limitada, que restringe a liberdade e manipula as necessidades. (ASSIS, 2008, pag 23).

No entanto, devemos nos questionar se é possível um desenvolvimento pleno das necessidades humanas dentro do sistema capitalista. E aqui precisamos entender que o capitalismo não se caracteriza apenas pelas relações comerciais e pelo consumo. Conforme Wallerstein (2001), o capitalismo como sistema surgiu na Europa no século



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

XV e, até o século XIX, se expandiu para todo o planeta, tendo como premissa a acumulação de capital. Portanto, não são as trocas comerciais que caracterizam o capitalismo, mas a busca por uma cada vez maior acumulação de capital. E uma das consequências dessa busca, ao menos o que se verifica até o presente momento, é a destruição do meio ambiente e, conseqüentemente, da qualidade de vida das pessoas.

### **3.3 Economia e Meio Ambiente**

Há décadas se fala em ecologia, sustentabilidade e limites do crescimento econômico. Já em 1968, o economista italiano Aurelio Peccei reuniu em Roma cientistas, industriais, economistas, educadores e políticos para estudar os fundamentos da crise pela qual passava a civilização (CORAZZA, 2005). Eles apontaram as contradições entre crescimento econômico e preservação ambiental. Esses aspectos eram identificados como componentes que interagem de maneira muito complexa para serem tratados isoladamente. Devido a esta complexidade, o Clube de Roma convidou J. W. Forrester, pesquisador do Massachusetts Institute of Technology, pioneiro no uso do computador, para que desenvolvesse um modelo de dinâmica de sistemas que permitisse explicar as relações entre estes fatores. O resultado foi a publicação *The Limits to Growth*, em 1972. De lá pra cá, houve críticas e complementações a esse trabalho, mas hoje parece que a maior parte da comunidade científica entende que crescimento econômico baseado no modelo atual de exploração de recursos naturais é insustentável para a vida no planeta.

Para Leff, no entanto, as estratégias discursivas do chamado desenvolvimento sustentável geraram um discurso simulatório, falaz, opaco e interesseiro. “Um discurso cooptado pelo interesse econômico, mais que uma teoria capaz de articular uma prática ecológica e uma nova racionalidade ambiental. Foi um discurso do poder, e sobretudo um instrumento do poder dominante.” (LEFF, 2010, pág 16). Para o autor chileno, todo o



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

discurso sobre o desenvolvimento sustentável, originado da crise ambiental, reflete a crise “desse processo histórico que criou um pensamento que construiu um mundo através de teorias que, mais que refletir uma realidade fática, modelam o mundo, o constroem a sua imagem e semelhança” (ibidem, pág 25). Porto-Gonçalvez (2012) também aponta que há uma crença acrítica de que há sempre uma solução técnica para tudo. Porém, ele lembra que o sistema técnico inventado por uma determinada sociedade traz embutido nela a sociedade que o criou e que a crença no papel da técnica é historicamente recente, faz parte do ideário filosófico do Iluminismo, da Revolução Industrial para cá. Portanto, para se ter uma visão o mais clara possível sobre a questão ambiental, devemos ter presente nosso contexto histórico e os paradigmas dominantes, especialmente o da defesa da importâncias da técnica e do crescimento econômico para a melhorias das condições de vida da população mundial.

Se é inegável que o modelo econômico de crescimento contribuiu para os problemas relacionados ao aquecimento global, a forma de resolver essas questões não são tão claras e se relacionam diretamente a diferentes maneiras de pensar a vida em sociedade e a relação com a natureza. Na busca por uma conciliação entre a economia e o meio ambiente tem surgido várias correntes de pensamento. Leff (2010) entende que o problema ambiental só será resolvido dentro de outra forma de economia, não baseada no crescimento infinito.

Georgescu-Roegen (2003), responsável pela criação da ideia de bioeconomia, defende que não existe possibilidade de crescimento econômico infinito com base na exploração dos recursos naturais. A bioeconomia do autor romeno entende que a liberdade econômica e o crescimento acelerado, embora úteis como instrumentos de curto prazo, têm pouco a oferecer para uma estratégia econômico-ambiental de longo prazo. Na mesma época na qual Georgescu-Roegen apresentou seu artigo sobre a lei da entropia



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

aplicada à economia (*The Entropy Law and the Economic Process*), no início dos anos 1970, Celso Furtado e Clóvis Cavalcanti já estavam iniciando no Brasil uma construção teórica correspondente à economia ecológica (ASSIS, 2006). Essa corrente de pensamento considera o sistema econômico como subsistema de um maior. A principal crítica que faz ao pensamento neoclássico, ainda bastante presente, é que esse concentra suas análises na produção e consumo, ignorando os impactos dos processos econômicos sobre o meio ambiente.

Nessa ligação entre economia e meio ambiente, talvez o aspecto mais visível dessa relação esteja nos temas referentes à questão energética. O consumo de energia mundial é diretamente responsável pelo aquecimento global. E a questão energética está estritamente ligada à segurança nacional dos países. A geopolítica mundial pressupõe que segurança energética significa que cada país deve ter acesso a seu estoque de energia, necessidade essa que, com o crescimento populacional e econômico apenas aumenta. Por isso é tão difícil atacar as causa da mudança climática.

Para Giddens (2010), há um desequilíbrio nas literaturas especializadas em mudança climática e segurança climática, nas quais dificilmente se apresenta a relação entre o crescimento econômico – e conseqüentemente a necessidade de se ter acesso facilitado a fontes de energia – e o meio ambiente.

### **3.4 Jornalismo como conhecimento e discurso**

Depois de toda a apresentação do problema em si e de como ele evoluiu ao longo da história, me debruço agora sobre uma questão não menos importante, a de como isso vem sendo oferecido à sociedade por meio do jornalismo. Obviamente, a troca de informações entre as pessoas não se dá apenas através dos meios de comunicação, outras instituições importantes também exercem papel relevante neste sentido, como a família, a igreja ou as instituições políticas. No caso dessa pesquisa, no entanto, busco entender



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

como o jornalismo, em específico o jornalismo de economia, repassa essas informações a seu público.

Entendo que o jornalismo se constitui como uma forma de conhecimento da realidade. Como conhecimento utilizo a significação dada pela Sociologia do Conhecimento, que propõe que todo o saber humano desenvolve-se em situações sociais e diz respeito à análise da realidade social. Portanto, parto do pressuposto que o jornalismo está dentro de um processo de construção social da realidade. Para Berger e Luckmann (2009), o jornalismo é um dos atores que contribuem para a construção da realidade, mas não o único.

Neste trabalho, tomo com muitas ressalvas a ideia de que o “jornalismo constrói a realidade” como ouvimos frequentemente tanto no senso comum como em trabalhos acadêmicos. Como aponta Meditsch (2010), normalmente essa expressão aparece como pressuposto e não nas conclusões dos trabalhos. Ele cita como exemplo a análise de Gaye Tuchman, no livro *Making News: a study in the construction os reality*, de 1978. Conforme Meditsch, a autora diz que, ao final de sua análise, não pode provar sua suposição de que a mídia jornalística define o contexto no qual os cidadão discutem os assuntos públicos, mas que continua acreditando nisso. Acredito que, como parte da sociedade, o jornalismo influencia e é influenciado por ela, em graus difíceis de serem mensurados.

Para Park (2008), o jornalismo é uma forma de conhecimento que se encontra entre o senso comum e o conhecimento científico. Ele caracteriza a notícia como um documento público, transitório e efêmero, mas nem por isso desprezível enquanto forma de conhecimento. Filho (1989) também entende que o conhecimento produzido pelo jornalismo é como essencialmente efêmero, enquanto obedece a critérios diferentes em relação às ciências sociais e naturais, de um lado, e a arte de outro.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

Como forma de conhecimento que influencia e é influenciado pela realidade social, o jornalismo usa e se utiliza de expressões textuais que fazem parte do que entende como verdadeiro. No discurso jornalístico, como em toda forma de discurso, se consolidam aspectos históricos, sociais e ideológicos. Nenhum discurso é acidental, no entanto, isso não significa que seja intencional, apenas reflete o fato de ser um produto da história e de seu sistema de produção (ORLANDI, 1996). Além disso, o discurso não é o texto, o discurso é o que acontece entre os sujeitos de interlocução. Para a teoria da Análise do Discurso de linha francesa, o sujeito é fundamental, mas, apesar disso, “tem um poder de enunciação relativo, pois está submetido a regras que lhes são exteriores e anteriores – e sobre as quais geralmente não tem domínio” (BENETTI, 2008, p. 17).

Como todo o discurso, o discurso jornalístico também está sujeito a essas regras anteriores e exteriores, e nele estão presentes expressões que deixam revelar os processos históricos e ideológicos formados ao longo do tempo por uma rede complexa de influências. Além disso, é originado por ideias que moldam processos sociais, proporcionam referentes comuns e dão coesão aos grupos, normalmente em função de interesses, mesmo quando esses interesses não são conscientes e assumidos (SOUSA, 2003).

#### **4 Análise**

Para tentar revelar os sentidos presentes nos discursos do jornal Valor Econômico, dentro do amplo tema “desenvolvimento” selecionei a questão energética. O assunto energia pode, jornalisticamente, trazer vários enfoques: o ambiental, o da segurança nacional, o econômico e o da tecnologia são alguns exemplos. Sendo o Valor um jornal de economia, estou ciente de que encontrarei prioritariamente abordagens ligadas a esse aspecto, mas também quero identificar quais são as outras características presentes em



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

seu discurso.

Buscando apreender as variáveis - especialmente as referentes às forças sociais, culturais, ideológicas e históricas - do discurso do Valor Econômico, usei como metodologia a Análise de Discurso de linha francesa. Para, a partir do discurso jornalístico, identificar sentidos, levando em consideração que, como aponta Brandão (1996), “a linguagem, enquanto discurso, é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente (na medida em que está engajada numa intencionalidade) e nem natural, por isso o lugar privilegiado da manifestação ideológica”. Já que em qualquer texto há “a opacidade da linguagem, a determinação dos sentidos da história, a constituição dos sujeitos pela ideologia e pelo inconsciente” (ORLANDI, 2003, pag. 59), buscarei com auxílio desse método identificar os sentidos dados à questão energética, especialmente a ligação do tema aos conceitos de crescimento, desenvolvimento e meio ambiente.

A sistematização da metodologia seguirá as etapas propostas por Benetti (2010) para a análise do discurso: mapear os sentidos que se repetem (paráfrases), e analisar os sentidos para compreender os valores que sustentam, sempre fazendo a correlação com os conceitos de crescimento e desenvolvimento.

O corpus desse análise foi relativamente pequeno, os exemplares de uma semana do Valor Econômico. Essa análise servirá como estudo piloto para minha dissertação, que estudará seis meses da publicação. Para fazer um teste piloto e assim avaliar a viabilidade da metodologia, analisei 14 textos obtidos no período de uma semana, entre os dias 25 de março e 1 de abril, que contivessem como cartola palavras relacionadas à questão energética. Nessa relação apareceram as cartolas: Energia, Petróleo, Açúcar e Álcool, Petróleo e Energia, Agroenergia, e Combustíveis.

Após a separação do material, cada texto foi numerado com uma sigla em ordem





29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

cronológica (T1, T2, T3...). Num primeiro momento fiz a separação das matérias pelo que classifiquei como viés, determinando qual a abordagem geral dada ao texto. Para realização do estudo, identifiquei cinco abordagens diversas (do desempenho financeiro, da regulação da regras do mercado, de expansão e do gerenciamento). Essas categorias foram estabelecidas durante a observação da mostra, o que não significa que, com o corpus inteiro em mãos, permanecerão apenas essas. Esse primeiro movimento de análise serviu para avaliar o tipo de olhar que o jornalismo do Valor tem da questão energética. O resultado dessa divisão (tabela 1) foi a constatação de que, ao menos na mostra, há um predomínio significativo do aspecto financeiro. Foram 6 textos referentes a desempenho financeiro, 3 sobre gerenciamento, 2 tratando de expansão e 3 sobre regulação.

Numa segunda etapa, visando aprofundar a análise, tentei identificar nos textos as sequências discursivas que mais se sobressaem, considerando especialmente a paráfrase e a ausência de temas que poderiam estar no discurso. A paráfrase, sendo o retorno constante ao mesmo saber (ORLANDI, 1996), permite verificar as representações hegemônicas no discurso. A sistematização da metodologia seguirá as etapas propostas por Benetti (2010) para a análise do discurso: mapear os sentidos que se repetem (paráfrases), e analisar os sentidos para compreender os valores que sustentam. Além disso tentei apontar sentido que poderiam estar no conjunto de textos mas que não aparecem.

Foram mapeadas as marcas e reiterações discursivas que indicam os sentidos presentes no discurso do Valor e identificadas as sequências discursivas (SD) que mais tornassem claros esses sentidos. Um dos valores que mais se repete é a defesa do “crescimento” econômico, que aparece na mostra invariavelmente como positivo, como por exemplo nos trechos que seguem:

T1 - “As **previsões** dos dois bancos para o resultado da Light no quarto



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

trimestre de 2012 também são **otimistas**. O BES projeta um **lucro de R\$ 129 milhões, com alta de 27,7%**, frente a igual período de 2011.”

T6 - “O resultado da Light no quarto trimestre de 2012 **superou as expectativas** dos analistas consultados pelo Valor . A elétrica, que atende a região metropolitana do Rio de Janeiro, reportou **lucro líquido de R\$ 160 milhões no período, com alta de 21,2%** em relação ao último trimestre de 2011.”

Outro ponto observado é falta de relação entre problemas ambientais e crescimento. Nos textos da mostra, o aumento do consumo de energia, por exemplo, é sempre relacionado a outras questões que não o meio ambiente; e normalmente está vinculado a aspectos financeiros:

T1 - “**a temperatura**, que afeta sensivelmente o comportamento do mercado da empresa, e **a despesa extra com a geração termelétrica** nos três últimos meses do ano passado, **com impacto negativo direto no caixa da companhia**, que só pode repassar esse custo ao consumidor em novembro.”

T1 - “Mas **um fator positivo** para a Light em 2012 foi o **crescimento de 3,2% do consumo de energia** no Rio de Janeiro, em relação ao ano anterior. O Estado foi o único do Sudeste que apresentou alta no consumo industrial, de 1,8%.”

As questões ambientais, que aparecem apenas no último texto, se mostram como oportunidades para melhorar os negócios e expandir a produção.

T14 - “A gasolina S50 (50 ppm) substituiu a gasolina tradicional, com 800 a 1000 ppm, **atendendo às novas exigências do mercado** nacional e internacional para **redução gradual de emissões** atmosféricas de veículos automotores.”

T14 - “**A modernização** da Revap **viabilizou a produção** de novos derivados, com **maior valor agregado e menor impacto ao meio ambiente**’, ressaltou a gerente-geral da unidade.”

Já a questão do desenvolvimento, entendido como aumento do bem-estar da



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

população, não é abordado em nenhum texto da mostra.

As matérias falam normalmente de lucros, investimentos e prejuízos. O crescimento econômico é a tônica do discurso, e mesmo a questão do desenvolvimento não está presente. A questão ambiental aparece apenas no último texto, sobre a Revap, quando trata de investimentos para a produção de gasolina mais limpa, atendendo a novas exigências nacionais e internacionais. O meio ambiente aparece aqui como oportunidade de investimento e crescimento econômico. No mesmo texto há referência ao aumento da produção de combustíveis para suprir a crescente demanda no país, sem referências ao quanto e como essa demanda vem aumentando.

Em relação aos objetivos estabelecidos neste trabalho, pode-se apontar que os textos não fazem relações entre crescimento e sustentabilidade ambiental, e não tratam da questão do desenvolvimento. No entanto, essa é ainda uma observação preliminar visto que a mostra analisada é bastante reduzida e insuficiente para afirmar que o Valor Econômico assume essa postura.

Outro ponto observado os textos selecionados são basicamente direcionados ao setor financeiro. Essa característica vai ao encontro ao estudo de Puliti (2009), que já havia observado a financeirização do noticiário econômico no Brasil, mesmo que seus objetos de análise tenham sido publicações não especializadas, no caso a Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo<sup>7</sup>. Para a autora, “o noticiário tornou-se um espelho do pensamento único e endossou as reformas econômicas de interesse do capital financeiro tratando-as como de amplo interesse nacional” (PULITI, 2009, pág 7).

---

7 Em seu estudo, Puliti analisa 14 anos dos jornais Folha de S. Paulo e o O Estado de S. Paulo. Ele concluiu que o conteúdo do noticiários econômico começou a se transformar a partir de 1980, substituindo tradicionais fontes de informação, empresários e produtoras rurais, e em menos escala acadêmicos e sindicalistas, por economistas do mercado financeiro. Porém, segundo ela, a grande mudança ocorreu a partir de 1994, a partir do Plano Real, com o que a autora chama de “segunda etapa da financeirização, aquela com contornos ideológicos”.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

Embora provavelmente mostre alguma tendência do que será encontrado na análise completa, essa pequena mostra também pode ser enganosa em relação ao corpus completo. Mais uma vez, porém, reforço que as observações aqui descritas referem-se apenas à mostra selecionada para a realização do estudo piloto, que tinha como principal escopo testar a metodologia que será aplicada ao corpus da pesquisa.

## Referências

ASSIS, Wilma A. Pinto de. **Estudo sobre Desenvolvimento, Bem-Estar e Necessidades Humanas para uma Economia da Complexidade**. Tese de Doutorado. Programa de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2006.

BENETTI, Marcia. **O jornalismo como gênero discursivo**. Revista Galáxia, São Paulo, n.5, junho de 2008.

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo. In: BENETTI, Marcia; LAGO, Claudia (org.). **Metodologias de pesquisa em jornalismo**. 3 ed. Petrópolis:Vozes, 2010.

BERGER, Perter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Editora Vozes, 30 ed. Petrópolis, 2009.

BACKHOUSE, Roger E. **História da economia mundial**. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas**. São Paulo: Cultrix, 2002.

CECHIN, Andrei Domingues. **Georgescu-Roegen e o desenvolvimento sustentável: diálogo ou anátema?** Dissertação de Mestrado em Ciência Ambiental. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/90/90131/tde-15092008-102847/pt-br.php>

CORAZZA, Rosana Icassatti. **Tecnologia e Meio Ambiente no Debate sobre os Limites do Crescimento: Notas à Luz de Contribuições Seleccionadas de Georgescu-**



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

**Roegen.** Revista *Economia*, Brasília (DF), v.6, n.2, p.435-461, Jul./Dez. 2005.

CORDENONSSI, Ana Maria. **Jornalismo cultural e sociabilidade moderna: estudo do caderno EU&Fim de Semana do Jornal Valor Econômico.** Tese de doutorado. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

GENRO FILHO, Adelmo. *O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalista.* Porto Alegre: Editora Ortiz, 1989.

GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas. **Bioeconomia, verso un'altra economia ecologicamente e socialmente sostenibile.** Torino, Bollati Boringhieri, 2003.

GIDDENS, Anthony. **A Política da Mudança Climática.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling. **A percepção ambiental no discurso jornalístico da revista Sustenta!.** *Cultura Midiática - Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade da Paraíba.*, Ano II, n. 02 – jul/dez/2009.

LEFF, Enrique. **Discursos Sustentáveis.** São Paulo: Cortez, 2010.

LOOSE, Eloisa Beling. **Jornalista ambiental em revista : das estratégias aos sentidos.** Dissertação de Mestrado em Comunicação e Informação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/21591/000738061.pdf?sequence=1>

MEDITSH, Eduardo. **Jornalismo e Construção Social do Acontecimento.** In: *Jornalismo e Acontecimento: Mapeamentos Críticos*, Marcia Benetti e Virginia Pradelina da Silveira Fonseca (org.). Florianópolis, Editora Insular, 2010.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso.* Pontes. 4ed. Campinas, 1996

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos.** Campinas, Editora Pontes, 5a edição, 2003.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

---

PARK, Robert. **A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento.** In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (org). A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PULITI, Paula Puliti. **A financeirização do noticiário econômico no Brasil (1989-2002).** Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2009.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade.** São Paulo, Cia das Letras, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. **Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia.** *Pauta Geral*, ano 10, n.º 5: 23-45, 2003. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.html>

VEIGA, José Eli da. **Desenvolvimento sustentável, o desafio do século XXI.** Rio de Janeiro: Garamond, 2010.